

MARÇAL JÁCOMO MONTANARIN LOMBARDI

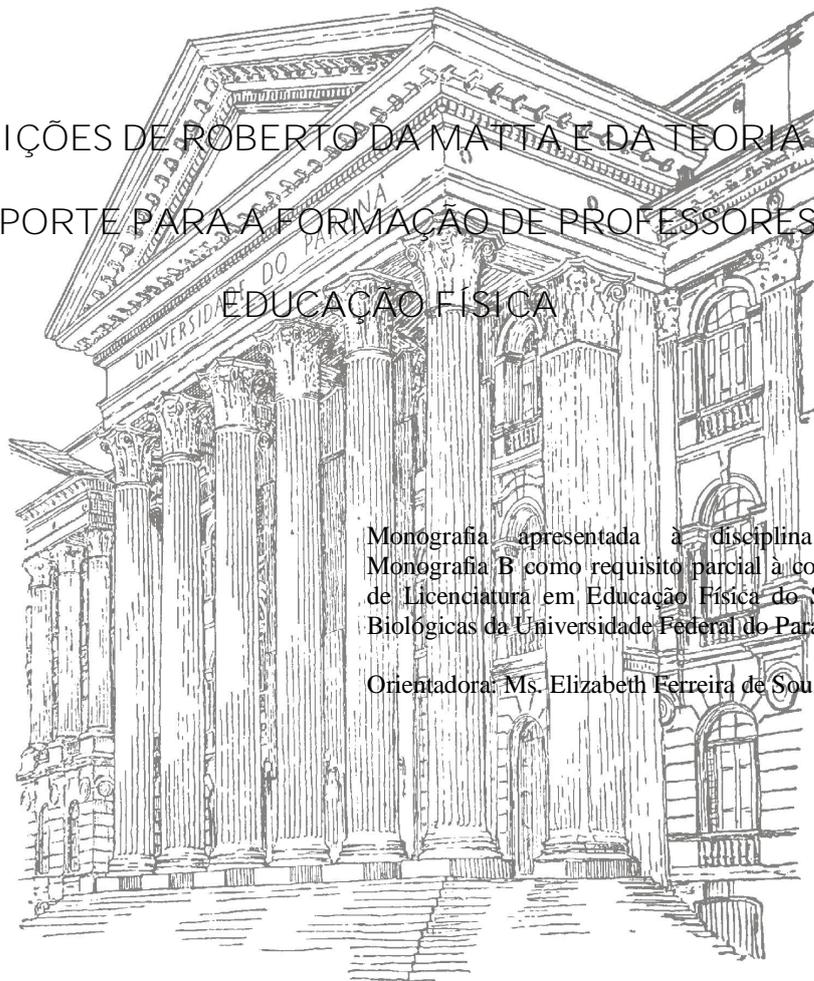
CONTRIBUIÇÕES DE ROBERTO DA MATTA E DA TEORIA CRÍTICA
DO ESPORTE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM
EDUCAÇÃO FÍSICA



CURITIBA
2007

MARÇAL JÁCOMO MONTANARIN LOMBARDI

CONTRIBUIÇÕES DE ROBERTO DA MATTA E DA TEORIA CRÍTICA
DO ESPORTE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM
EDUCAÇÃO FÍSICA



Monografia apresentada à disciplina Seminário de Monografia B como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Ms. Elizabeth Ferreira de Souza

CURITIBA
2007

Este trabalho é dedicado:
À Armando Jorge Lombardi, Professor de Educação Física, avô querido, falecido
no meu primeiro ano de graduação, mas sempre presente
à Sandra e Mário, meus pais,
que me deram o apoio e formação afetiva, humana e política para enfrentar a vida;
à Rafael,
irmão querido, diferente e ao mesmo tempo companheiro dos mesmos sonhos de
mudança;
à Diane, meu amor,
suporta minhas angustias, ri com minhas bobagens, se emociona com minhas vitórias e
que acima de tudo, está sempre ao meu lado.

Agradecimentos

À Orientadora Elizabeth Ferreira de Souza, que apesar dos contratemplos, compreendeu minhas dificuldades e demonstrou motivação e respeito ao trabalho.

Aos Professores e funcionários do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná que me ajudaram nessa jornada desgastante.

Ao amigo dileto, João Paulo Heidgger Morescki, companheiro de Inquietações, e nos sonhos de transformação.

E à Natureza, minha fonte de energia para o enfrentamento das agruras da vida.

O que adianta brigar por mudança se nós
Não nos dermos às mãos caminharmos todos juntos
O que adianta a gente reivindicar se lutamos entre nós
Matamos nossas crianças
Guardo até hoje a camisa que você me deu
Que dizia em letras grandes o Brasil é todo seu
Mas só que eu não me lembrei de então perguntar
Se um dia esse homem ia voltar
A pisar na lama ao menos para agradecer
Com a mesma falsidade a quem o fez enriquecer

Natiruts – Cantar

Resumo

Observando a necessidade que o professor tem de compreender as diversas manifestações da cultura com as quais ele opera, compreendendo a opção de vários profissionais em atuação que tem o esporte como seu conteúdo principal, em contribuir com fontes de pesquisa dentro da sociologia do esporte e preocupado em auxiliar a formação de professores de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no que diz respeito a sua formação profissional, o estudo de revisão bibliográfica tenta identificar de maneira clara, simples e concisa duas linhas de pensamento sobre o Esporte enquanto fenômeno Social. As linhas escolhidas foram a análise do esporte no Brasil, mais precisamente o Futebol, pelo Antropólogo Brasileiro Roberto Da Matta e a corrente denominada Teoria Crítica do Esporte, ancorada basicamente nos autores da escola de Frankfurt. Feito isso, foi desenvolvido uma breve discussão sobre as possíveis contribuições dessas teorias para o aprofundamento do esporte enquanto conteúdo dentro do ambiente escolar pelos professores, um dos atores do processo educativo. Constatou-se que, em ambas vertentes, existem elementos que podem contribuir com o professor na tarefa de compreender o esporte, tanto no sentido de entender o que o futebol representa no caso do Brasil, quanto na vertente que enxerga semelhanças entre o esporte e o mundo do trabalho. Também foi possível, cumprir com a tarefa de auxiliar a formação de professores, visto que se concluiu que são enormes as possibilidades de manipulação didática desse elemento da cultura.

Palavras-chave: Educação Física, Esporte, Formação de Professores.

ÍNDICE

1. PARA ENTENDER O TRABALHO.....	1
1.1 OBJETIVOS.....	6
2. SOBRE DA MATTA E O FUTEBOL.....	8
3. SOBRE A TEORIA CRITICA DO ESPORTE.....	11
4. SOBRE O DIALOGO.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

1. PARA ENTENDER O TRABALHO...

Durante a minha formação acadêmica, observei e acompanhei com atenção os acontecimentos relacionados à Educação Física Escolar. Inicialmente, nas observações realizadas durante os primeiros anos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR)¹ e, depois, na prática, tanto das disciplinas do curso, como em estágios extracurriculares.

Nesses contatos, me deparei com uma situação quase sempre presente. Não foram poucas às vezes em que observei o professor de E.F. desenvolvendo o Esporte como conteúdo quase que exclusivo da disciplina. Observando a literatura pude constatar que também Silveira e Souza no fim de sua formação também fizeram a mesma leitura da realidade. Dizem eles que

“o fato da maioria dos professores de Educação Física abordarem o conteúdo esportivo em grande parte do ano letivo, as vezes como “único” conteúdo, pode nos levar a refletir acerca das dificuldades encontradas para que estes trabalhem outros conteúdos, dentre eles o jogo, a dança, as lutas, a ginástica e a capoeira; o que nos leva a questionar a realidade da escola pública, o perfil profissional e pedagógico do professor que lá atua e sobre as possibilidades de superação desse quadro. Foi este o nosso ponto de partida para o levantamento da discussão dos porquês desta limitação observável, que muitas vezes é imposta sem os devidos esclarecimentos” (2007, p.10).

Seguindo o raciocínio, concordo plenamente com Oliveira, quando afirma que

¹Realizei observações nas Disciplinas de Educação Física na Infância, Educação Física em Contextos Educativos II e Prática de Ensino A. As experiências práticas se deram na Prática de Ensino B e no Estágio Extracurricular denominado Segundo Tempo do Governo Federal.

“a Educação Física aparece como única atividade dos currículos escolares hodiernos² que permite uma abordagem biológica, antropológica, sociológica, psicológica, filosófica e política das práticas corporais como manifestação humana, justamente pela sua constituição multidisciplinar.” (1999, p. 5)

Ora, porque não se apropriar de outros elementos da cultura? Foi a pergunta que me fiz durante os seis anos que permaneci nos bancos da academia. Esse pensamento se tornou rapidamente uma convicção durante a realização do curso. Apesar disso, ainda permanece forte a corrente no seio da Educação Física que desenvolve somente o esporte como conteúdo. Respeito à opção de vários colegas em decidir por esse conteúdo como carro chefe de suas aulas. Esse fato observável em nossas escolas públicas e privadas ainda é comum. E acredito, sinceramente, que em muitos locais, essa escolha possa estar sendo feita de maneira coerente com o que se objetiva dentro do planejamento pedagógico, seja ele focado na mera aquisição de movimentos, ou quando se trata do treinamento desportivo.

Essa é uma de minhas convicções. O professor deve ser autônomo para decidir por quais conteúdos irá utilizar. Seja a Ginástica militar, o ensinamento de saltos ornamentais ou da dança flamenca. O que deve ser levado em consideração, é a necessidade cultural da comunidade onde está inserido o aluno e a coerência pedagógica que este trabalho apresenta.

Tais inquietações motivaram a construção desse trabalho.

Quero, também, entender como o esporte é utilizado, principalmente pelos meios de comunicação, como fonte de lucro. Segundo Agrícola o esporte atinge o indivíduo

² Palavra transcrita de forma idêntica ao original.

“tanto de forma passiva (espectador) como de forma ativa (praticante). Os mecanismos de mídia, impulsionados pela Indústria Cultural, apropriaram-se do esporte conferindo-lhe um caráter mercantilista, vendendo assim roupas, medicamentos, calçados e principalmente imagens corporais de alta performance.” (2006, p.1)

Ao mesmo tempo, essa mesma indústria Cultural atrela a idéia de escalada social aos jovens, na medida que divulga o esporte como o caminho mais fácil para o jovem carente conseguir reconhecimento social e financeiro. Esse mesmo raciocínio ainda oferece como consolo à oportunidade de formação moral e de caráter das crianças, caso elas não tenham a capacidade que possa leva-las ao tão almejado posto de bem sucedido ídolo esportivo. Essa idéia é muito forte dentro do ambiente escolar, na medida que alguns professores de Educação Física e do corpo pedagógico, tomaram essa idéia (conscientemente ou não) como uma possível solução para os problemas que a Educação Física Escolar enfrenta.

Alem disso, tomo como justificativa desse trabalho à falta de estudos que sistematizem de maneira simples as diversas correntes de entendimento do esporte para o auxilio dos futuros professores, como também não existem muitos estudos sobre a influência do esporte em nossa sociedade e das conseqüências advindas desse panorama nas aulas de educação física, realizadas nas escolas.

É necessário que os jovens que estão dentro dos bancos da universidade tenham acesso mais fácil e rápido a leituras que sejam tomadas como básicas para o estudo das diversas manifestações culturais com as quais eles manipulam. Espero também contribuir para o surgimento de pesquisas futuras sobre o assunto, talvez não como referencia

bibliográfica em seu sentido acadêmico, mais que tenha utilidade como fonte de reflexão pessoal e possível mudança de postura de atuação para vários acadêmicos.

Cumpro, portanto com o importante papel da Universidade Pública que é o de produzir e socializar os saberes elaborados pelo conjunto dos seres humanos durante o desenrolar histórico.

Para dar mais consistência ao trabalho, indicarei obras que trazem o pensamento completo dos autores dessas duas correntes, cumprindo com o objetivo acima.

Lido o início do trabalho o leitor deve estar pensando: esse “cara” vai começar a dizer que é necessário reformas, que a Educação Física vai muito além que a mera prática ou reprodução do esporte, que outras atividades corporais devem ser desenvolvidas como conteúdos de Educação Física.

Mas o caminho que este trabalho pretende vai seguir é outro. Mesmo porque, todo esse discurso eu ouvi no meu percurso dentro do curso e provavelmente o leitor desse texto também pode ter ouvido em algum momento de sua formação.

A trilha desse trabalho será a do esclarecimento. Ou pelos menos da tentativa, ainda que, acanhada academicamente, de contribuir com a formação de professores. O que pretendo nesse escrito é auxiliar o acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física a entender mais profundamente o que o Esporte representa enquanto fenômeno social, a fim de fortalecer as bases de formação do futuro professor, acerca deste tema.

Sobre a relevância do esporte na cultura, Agricola nos auxilia novamente.

“Seja pelo aspecto mercantil que se consubstancia na sociedade neoliberal, seja pelas justificações usuais, atribuídas ao esporte, a realidade é que estamos diante de um fenômeno social de grande força e que apresenta uma certa diversidade nas possibilidades de análise. (2006, p.2)

Pensando em auxiliá-los, e, vendo muitas possibilidades na utilização do esporte como conteúdo escolar, faz-se necessário analisar criticamente o tema.

Ao invés de dizer que a educação física e o professor não devem apenas utilizar o esporte como o único conteúdo da cultura, e que, por consequência, e faz-se necessário desenvolver outros conteúdos, eu desenvolverei o trabalho no sentido de facilitar a introdução ao acesso de duas teorias sobre a sociologia do esporte, a primeira, originada dos estudos do professor Roberto da Matta e a outra, vertente chamada de Teoria Crítica do Esporte.

Isto posto, se faz necessário detalhar sobre a metodologia de desenvolvimento do trabalho.

Este é um estudo que podemos considerar de revisão bibliográfica, pois tem como “... principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias” (Gil, 1999, p.43), uma vez que o objetivo principal é levantar duas correntes de entendimento do fenômeno esportivo e analisar as possíveis possibilidades de trabalho com o esporte.

A escolha de Roberto da Matta como uma das fontes de contribuição, se deve a meu ver, pela singularidade como o autor trata do tema do Futebol no Brasil. Todo o “Drama Social” que é encenado a cada partida de futebol, seja ela no Maracanã ou na quadra de esportes de uma Escola Pública de Periferia trazem consigo o mesmo ritual,

que pode desencadear uma serie de discussões sobre o que é o Esporte Futebol para esses jovens, produzindo uma resignificação da Cultura.

Já a Teoria Critica do Esporte foi tomada como fonte de estudo pela opção pessoal de procurar uma corrente de pensamento que contribuísse efetivamente para discutir os grandes dilemas do esporte que se relaciona com os diversos setores da sociedade e a clara influencia dessas no trabalho dentro do ambiente escolar.

Levantando de maneira simples essas duas teorias muito comentadas no Brasil acerca do fenômeno esportivo, pretendo auxiliar a embazar de maneira mais sólida o trabalho daqueles que somente enxergam o esporte como conteúdo, acreditando então que possa haver a superação na forma como o professorado concebe o trabalho com o esporte, objetivando um enfoque que ultrapasse os limites da mera reprodução do movimento, ou do alto rendimento, e sim enquanto mais elaborado da cultura.

1.2 OBJETIVOS

- Auxiliar o acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física a entender mais profundamente o que o Esporte representa enquanto fenômeno social, a fim de fortalecer as bases de formação do futuro professor;
- Levantar e descrever brevemente as duas correntes de estudo do fenômeno esportivo;
- Sistematizar o conhecimento das correntes de forma clara e simples sua vertente política, suas características marcantes;

- Dialogar com essas duas vertentes visando levantar subsídios para o desenvolvimento do trabalho pedagógico dentro do ambiente escolar, especificamente no caso brasileiro.

2. SOBRE ROBERTO DA MATTA E O FUTEBOL...

Nesse primeiro capítulo estaremos expondo sucintamente o pensamento do antropólogo Roberto Da Matta, autor que vem a quase três décadas trabalhando na tentativa de entender as varias manifestações populares que constituem a pluralidade cultural que constrói o Brasil. Dentre seus objetos de estudo, o futebol assume papel fundamental.

Para Agricola, no Brasil, o futebol

“... é o esporte que apresenta o maior poder de aceitação e penetração no cotidiano social, gerando sentimentos, atitudes, comportamentos e reações das mais diversas ordens. Sua importância e força, enquanto fenômeno social, atingiu patamares inimagináveis na sociedade moderna”.(2006, p.1)

Já para DaMatta, o “O futebol, de todos os esportes, por uma série de razões, foi certamente a primeira dimensão mais pública, acessível e universalizada que deu a nós brasileiros este orgulho do Brasil.”(2003, p.2)

Patriotismo e democracia. Essas são características presentes no trabalho de Roberto da Matta.

Ele não propõe uma teoria geral do esporte, ao contrário da vertente que compreende o esporte como mecanismo de perpetuação do sistema capitalista, tendo como administrador a burguesia com o claro interesse de manter a estrutura e a ordem social.

Pelo contrário, seu trabalho vai muito além da temática do futebol. Nesse sentido, o trabalho tem relevância no caso brasileiro, pois Da Matta

“interessa-se pelo carnaval, pelas festas religiosas, pelas paradas militares, pelo jogo do bicho e pelo futebol, por meio dos quais desenvolve categorias de análise não só para entender esses eventos com forte erradicação popular no Brasil, mais também para desenvolver uma teoria da sociedade brasileira como um todo (VAZ; 2002, p. 142)”

Apesar disso, alguns de seus resultados se aproximam do trabalho proposto pelo Sociólogo Figuracional Norbert Elias³ alemão estudioso do fenômeno esporte, dentre outros aspectos da sociedade. Segundo DaMatta, apesar do Futebol ter sido

“Importado pelos filhinhos de papai ricos, filhos de donos de fábricas, que aprenderam a jogar por que estudaram em colégios ingleses de classe alta e acabaram trazendo o futebol para o Brasil. Aqui, esse esporte foi roubado pelo mundo popular e, sobretudo pelos menos privilegiados ou oriundos das camadas dominadas da sociedade brasileira”.(2001, Pg 2).

Essas características renderam uma importância social que é única na sociedade brasileira. O autor acredita que esse fenômeno esportivo se desenvolveu paralelamente a outras esferas da sociedade brasileira como a política e o trabalho.

Pelo contrário, esse desenvolvimento próprio,

“...trata-se de uma esfera que, se não está alheia, mantém-se de alguma forma independente das relações políticas mais imediatas, ao configurar-se como espaço de identidade e unificação nacional, levantando a auto estima, configurada em boas lembranças, de indivíduos e grupos.”(VAZ; 2002, p 145).

³ Sobre sua Obra ver: Elias (1994), Dunning (2002), Sonoda & Starepravo (2002).

Caminhando nesse raciocínio o autor coloca o futebol como a expressão mais fidedigna de democracia que o país tem dentro de suas estruturas sociais. O autor entende que é somente no futebol que as relações competitivas são igualitárias, onde as regras são compreendidas e assimiladas por todos os seus praticantes. Eis que,

“Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência de igualdade e justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mais governado por regras que todos conhecem, o futebol reafirma o que é simbolicamente que o melhor, o mais capaz e que tem mais mérito pode vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir a vitória incontestável”. (DAMATTA *apud* VAZ, 2002, p.153)

Esse panorama constitui o que o autor chama de *drama social* que é, nada mais que a representação simbólica que o povo brasileiro tem de uma vida melhor e mais honesta.

Também do ponto de vista individual, DaMatta contribui com o entendimento do esporte no Brasil afirmando que é no futebol que “o indivíduo pode tornar-se pessoa, uma vez que é no time que pode mostrar sua singularidade, expressar-se individualmente” DaMatta *apud* Vaz (1999) Essa singularidade humana marca profundamente as características do nosso futebol. Ainda segundo DaMatta (2001) o futebol “caracteriza-se por ter “jogo de cintura”, por “dobrar sem quebrar”, dissimular, improvisar e sair com elegância de situações em princípio adversas, geralmente movendo o corpo e criando um jogo esteticamente valorizado.”

São obras do autor: *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1979) e *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982),.

3. SOBRE A TEORIA CRITICA DO ESPORTE...

Em meio aos conturbados anos sessenta, com toda a efervescência política e de modificação de costumes e pensamento, surge uma nova corrente sociológica de pensamento surgida da chamada Nova Esquerda⁴ com relação aos desdobramentos do esporte enquanto fenômeno social. Nova, Porque, salvo alguns trabalhos com pouco aprofundamento teórico⁵ o esporte ainda não tinha sido explorado academicamente pelas ciências sociais de maneira a criticar o modelo de esporte vigente até então.

Bero Rigauer e Jean Marie Brohn, os dois pensadores dessa corrente teórica foram influenciados demasiadamente pelos estudiosos da Escola de Frankfurt ainda que *"muitas vezes de maneira seletiva e parcial e ainda coligada com outros autores da tradição de esquerda"* VAZ (2005)

Porem trabalhavam em direção um pouco diferente dos teóricos provenientes dos países do chamado "socialismo real" que focava o esporte de alto rendimento como um meio de enaltecer e divulgar os benefícios que o socialismo poderia trazer ao mundo enquanto congregação de diferentes etnias e grupos em prol do regime. Segundo Vaz

"O que diferenciava decisivamente os então novos teóricos críticos do esporte de seus antecessores de décadas anteriores é que aqueles não colocavam em jogo apenas o esporte tal como os "capitalistas" e "aristocratas" o realizavam. Não propuseram, por exemplo, Jogos Olímpicos dos Trabalhadores, como as

⁴ Esse termo é usado por Vaz (2005) para designar o grupo de pensadores em questão.

⁵ Segundo Vaz (2005) "A exceção ficara por conta de parte do movimento operário dos anos vinte e trinta e de ensaios esporádicos como o de Jürgen Habermas (1967), no qual o depois famoso criador da *Teoria da ação comunicativa* mostrava, nos anos 1950, as afinidades entre o esporte e o trabalho e, por meio delas, os limites e contradições do chamado "tempo livre". As contribuições de Habermas, aliás, foram muito importantes para o desenvolvimento da Teoria Crítica do Esporte."

associações obreiras haviam feito e levado em frente. Não era o esporte de tipo "burguês" que deveria ser criticado, mas o esporte em si mesmo, como uma expressão da sociedade burguesa. (2005, p.2)

O caminho dessa corrente é, inclusive, contrária a desse tipo de pensamento. O que os teóricos da nova esquerda acreditavam era que o pensamento pautado no espírito olímpico era somente mais uma forma de submissão desses povos ao regime que lhes era imposto.

É daí que eles tiraram elementos para a crítica da cultura, que como já disse estava em alta em meados dos anos sessenta.

A teoria crítica do Esporte acredita que o Esporte e o Trabalho são duas faces de uma mesma moeda. Laguillaunie *apud* Neto afirma que o esporte

“não é um fenômeno abstrato, um fato da cultura geral, uma conquista da humanidade. Não é uma entidade suprahistórica que se mantém ao longo dos séculos. Como toda realidade social, o esporte se inscreve no marco das relações de produção que determinam fundamentalmente sua estrutura interna e sua natureza profunda. Atualmente, o esporte está determinado pela sociedade capitalista, pelas relações de classe. O esporte, como todo fato social, tem, portanto, uma natureza classista.”(1996, p.)

Esporte e trabalho estariam, portanto, dispostas a cumprir a mesma função. Controle social. Situações como exploração, a burocracia, tecnologia e rendimento seriam semelhantes em ambos os fenômenos, o que de fato ideologiza o esporte.

Essa ideologização segundo Vaz seria explicada da seguinte maneira pela corrente:

1. O esporte é um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência, etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e *outputs*; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc.
2. O esporte é uma cristalização ideológica da competição permanente, que é representada como "preparação para as asperezas da vida".
3. O esporte é uma ideologia baseada no mito do progresso infinito e linear, como se expressa na curva dos recordes..
4. Finalmente, o esporte é a ideologia do corpo-máquina - o corpo torna-se um robô, alienado pelo trabalho capitalista. O esporte baseia-se na fantasia do ser "*fit*", do corpo produtivo.(2005, p.5)

Essas semelhanças com o trabalho tal como ele está em nossa sociedade transformam o esporte em apenas mais um meio de controle por meio do capital. Isso se torna bastante claro quando pegando a questão do rendimento dentro dessas duas esferas de nossa vida social. O desenvolvimento cada maior do processo de especialização de profissionais para atuação nos diferentes seguimentos laborais, tão bem exemplificado por Charles Chaplin no seu famoso Filme Tempos Modernos, se desenvolveu notadamente no século XX. Qualquer semelhança com o mundo do esporte não é coincidência. O esporte de alto rendimento leva os indivíduos a uma super especialização em busca do gesto técnico ideal. Rigauer *apud* Vaz diz que

“No esporte de rendimento as marcas de tal alienação seriam visíveis no caso de uma modalidade esportiva que regride para a execução de gestos altamente especializados e parciais ou quando métodos racionalizados de treinamento são empregados. Um exemplo é o treinamento intervalado, que exige do atleta a repetição incessante do mesmo movimento, fixado e isolado como tarefa parcial a ser executada” (2005, p.5)

Outro ponto que pode ser exemplificado e que também nos chama atenção no seio dessa vertente de pensamento é a transformação do esporte em mercadoria. Isso parece bastante coerente com o processo o capitalismo vem construindo ao longo dos dois últimos séculos. Toda a estrutura que envolve o esporte traz com ele a construção de grandes desportistas, trazem com eles as grandes marcas de material esportivo, que produzem a crença subjetiva no espectador, de que utilizando aquele material idêntico ao de seu ídolo o tornará um pouco mais próximo, talvez a até tecnicamente do que há de melhor.

Portanto, todo o mecanismo do esporte estaria a serviço de contribuir com os objetivos da cultura capitalista e de modo a perpetuar as relações de produção por intermédio da Indústria Cultural.

São obras dos autores dessa vertente: Jean Marie Brohn: *Sociologia Política del Deporte, Deporte, Cultura e Repression*, traduzido para o espanhol e *Corps et Politique em Francês*. De Bero Rigauer, escrito em alemão *Sport und Arbeit*.

4. SOBRE O DIALOGO

Após o termino da explanação acerca dessas duas correntes de pensamento, acredito ser necessário traçar alguns comentários sobre as possíveis contribuições de escritos de Da Matta e dos Escritores da Teoria Critica do Esporte, sobretudo, aquelas que influenciam diretamente o ambiente escolar, o alvo de atuação da Licenciatura.

Cada sociedade tem especificidades, Sejam seus costumes, regras de comportamento, dilemas e contradições.

No Brasil o esporte vai assumir um papel dignificante para toda uma sociedade. Estou me referindo, é claro, ao Futebol. Nesse sentido, é possível conceber que o Esporte (em nosso caso o Futebol) deva ser tratado com olhar mais centrado no que ele representa para nossa cultura. Por isso, é muito relevante o Trabalho do Antropólogo Da Matta na medida em que ele, sensivelmente, observa a forma singular que o Brasileiro estabelece com o esporte. Todo o ritual de preparação antes do jogo, os gritos de guerra e até mesmo a explosão do momento do Gol nos sugerem, amor, guerra e alegria, sentimentos muito característicos de nossa sociedade.

O professor de Educação física tem um campo muito grande para manipular todo esse enredo. Alem do Futebol como Produto da Industria Cultural temos o futebol amador, e o Futebol de Areia. Todas essas variantes podem ser trabalhadas, no sentido de produzir elementos para o aluno compreender os elementos que fazem do futebol, uma de nossas identidades enquanto nação, construindo junto com os alunos e com os demais componentes da Comunidade Escolar um novo olhar sobre o Futebol. Não só daquele

onde o chute perfeito se transforma em gol, da capacidade na realização de jogadas desconcertantes, do passe de letra que encanta todo o globo, mas também da festa que é preparada antes de um jogo, da torcida e o que ela representa para o seu time, algo que é caracteristicamente Brasileiro.

Alem disso, promover nas discussões dentro da sala de aula, a exaltação das capacidades humanas do povo brasileiro. Ora, cada cultura constrói socialmente características próprias! A capacidade do de nossa população em “driblar” as adversidades e de construir soluções às vezes inusitadas para os seus problemas é também um caminho de discussão do esporte – futebol – para alem das 4 linhas do campo, e muito mais perto das características de nossa sociedade.

É possível também observar algumas dessas características de “Drama Social” que Da Matta se refere. Parece também estarem os esportes de praia (futebol de areia, vôlei de areia) carregados dessa característica de festa do povo, num local democrático como é à beira do Oceano, onde as classes sociais têm que necessariamente conviver em harmonia e usufruir um bem comum que é a água do Oceano Atlântico.

Ora, esse enfoque de análise do futebol é eminentemente cultural! É muito interessante observar o novo horizonte que se abre quando trazemos para a discussão toda o contexto cultural que envolve o futebol. E Toda essa diversidade deve ser munição para exploração pedagógica pelo professor de Educação Física.

Pode também ser levado em consideração a hipótese que o esporte esteja umbilicalmente ligado as relações perversas do mercado de trabalho como nos mostrou a teoria critica do esporte. Nesse caso, também o Professor de Educação Física poderá

intervir trazendo discussão pertinente e coerente sobre as possíveis relações entre o Esporte Trabalho e Industria Cultural.

Consideremos a forma como o esporte utiliza o corpo como mercadoria. Belos corpos, submetidos a sessões de treinamento extenuantes, que trazem certamente a eliminação de excessos de tecido adiposo. Esse corpo – máquina é manipulado pela industria cultural e chega até a vida da grande massa como sendo um estereotipo possível de ser alcançado. Uma Espécie de Objeto de Desejo. Não de desejo Sexual e sim de desejo de consumo. A pergunta seguinte é: O que vai acontecer como esse indivíduo que recebe essa carga de informação? O que é importante para esse indivíduo? De que maneira sua vida poderia ser influenciada por uma tomada de decisão a favor de uma mudança física? Quem são as pessoas e (ou) interesses por trás dessa transformação?

Outro grande exemplo diz respeito aos produtos esportivos que geralmente estão associados a figuras de atletas consagrados. Uma raquete de tênis supersofisticada vai dar conta de colaborar para o aprendizado do tênis? Uma bola de futebol da Marca N pode ser substituída por outra com as mesmas características? Quais são as diferenças para o jogador que chuta ela?

Não poderia deixar de citar os prejuízos que o principio da competitividade imprime. Segundo TABORDA

“ Esse principio tem orientado uma prática calçada na força, na superação constante de limites e obstáculos, na eliminação do outro, enfim, nas varias formas manifestas de dominação. E tem sido justificativa de manutenção de procedimentos incapazes de levaram cabo a formação humana em suas plenitude.” (2000, p.12)

Feitas essas considerações, a pergunta que não que cala é a seguinte: Em que ponto da teoria é possível, as idéias de Roberto da Matta e da Teoria crítica do Esporte caminharem próximas para a discussão do esporte enquanto elemento da cultura na escola?

Essa possibilidade está na palavra coletividade.

DaMatta (1982) é bastante claro ao afirmar que “O futebol seria uma das raras oportunidades para a sociedade brasileira organizar-se coletivamente em torno de um objetivo comum, atuando de modo coordenado...”.

Trazer a tona, através do esporte, seja o futebol ou o vôlei, as contradições e os elementos de dominação que a atual sociedade capitalista impõe, seja pela transformação do esporte em mercadoria, pela especialização exagerada, ou pela competitividade exarcebada, tendo como possibilidade de superação dessa realidade concreta, a grande capacidade de dedicação da torcida pela seleção brasileira em época de Copa do Mundo, seja transmitida para a sensibilização e conscientização das diversas situações diárias as quais são submetidos à população no mercado de trabalho e na sociedade em geral.

Na medida que a Teoria Crítica pode subsidiar o entendimento da realidade entre esporte, trabalho e indústria cultural, o trabalho de Roberto da Matta subsidia uma possível saída para a sensibilização da população para essas formas de controle que a sociedade capitalista impõe. Por que? Pois trás em sua discussão, a partir da afirmação que o futebol trás uma chance de produzir a coletividade a partir do jogo e do que antecede e precede o jogo, pode colaborar no sentido de trazer a discussão para outras esferas da vida social. Se podemos nos organizar para comemorar e torcer por um time,

porque não podemos nos unir para pedir melhorias em nosso bairro? Ai pode-se observar que o elemento coletivo que está tão presente no que diz respeito ao futebol pode servir como ponte para discutir a coletividade em outros setores de nossa vida social.

O Governo do Estado do Paraná por meio da Secretaria de Estado da Educação - (SEED) tem uma proposta que parece se aproximar do meu raciocínio. Ela é bastante coerente ao afirmar que

“o futebol organizado nas ruas, pelas comunidades locais, pode se tornar vitrine de nossa identidade nacional. Esses times que se constituem nas relações sociais, democráticas e solidárias, que objetivam a diversão e a integração da comunidade, surgem como exemplos de possíveis organizações políticas alternativas”(SEED, 2006, p.23)

A partir desses paralelos parecem ser claras as aproximações que podem ser feitas entre esses estudos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fechamento desse estudo, gostaria de, primeiramente, pontuar minha posição acerca da realização do trabalho.

Infelizmente, não pude recorrer, no caso da teoria Crítica do Esporte, a leitura dos textos dos autores. Devo essa falha, ao tempo reduzido de realização do trabalho e dos poucos trabalhos que tratam do tema.

Porem esse empecilho, não descaracterizou o trabalho, uma vez que li trabalhos que, apesar da densidade teórica, explicaram a corrente de forma a compreender os pontos relevantes.

Já no trabalho de DaMatta li textos e livro do autor. Essa situação proporcionou, no meu modo de ver, a construção de um texto que foi ao mesmo tempo sucinto e claro.

Tenho claro que cada uma de suas teorias tem suas limitações, alcance e evidentemente tem seus pontos de discordância. Mais esse não era o objetivo do trabalho. O que foi proposto foi exatamente aproximar algumas possibilidades que estão claras nos trabalhos para a construção do trabalho do professor de Educação Física.

Dentro da minha capacidade de argumentação, acredito ter cumprido com o objetivo de socializar de maneira mais simples o trabalho de grandes autores para o acesso do acadêmico e do professor formado.

Após a realização desse trabalho fiquei mais próximo à idéia que Taffarel *apud* Caparroz tem sobre o esporte. Diz ela que o esporte tem

“... possibilidades com maior potencial humanizador em termos de relações, conhecimento/saberes/conteúdos, tempos, espaços/lugares, elementos/aparelhos, situações aprendizagens, linguagens, organizações e sujeitos, a partir da escola e para além dela, que possam contribuir na formação do SER HUMANO PLENO, INTEGRO, OMINILATERAL, ser que se reconhece enquanto espécie humana, que somente torna-se Homem acessando crítica, criativa e reflexivamente a cultura, através de diferentes elementos desenvolvidos pela humanidade dos diversos períodos históricos e, capazes de contribuir na construção de referências ontológicas e teleológicas de vida" (TAFFAREL apud CAPARROZ, 2001, p.41).

O grande facilitador pedagógico na tentativa de levar até nossos jovens algumas dessas possibilidades dentro da escola é o professor de Educação Física. Surge ai uma infinidade de alternativas de desenvolvimento crítico do esporte no sentido de responder as demandas dentro de nossa sociedade.

Referencias

AGRICOLA, Nestor Persio Alvim. O Esporte Como Constituinte Social. In: **II CONGRESSO CENTRO OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 5., 2., 2006, Goiânia.. Anais... Goiânia: FEF/UFG, ESEFEGO/UEG, 2006.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. O Esporte Como Conteúdo Da Educação Física: Uma "Jogada Desconcertante" Que Não "Entorta" Só Nossas "Colunas", Mas Também Nossos Discursos. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DaMatta, Roberto. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: 1982, Pinakotek.

DAMATTA, Roberto. O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPORTE E SOCIEDADE**, 2003, São Paulo. Ações socioculturais para a cidadania. Anais... São Paulo: SESC, 2003. Acesso em www.boletimef.org em 04/06/2006 .

VÁRIOS AUTORES. Educação Física. Curitiba: SEED-PR, 2006. 232p.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

NETO, Alfredo Feres. A Esportivização do Mundo e/ou a industrialização do Esporte. Suas Influencias na Vivencia Lúdica com a Criança, em Especial com o Brinquedo. **Motrivivencia**, Porto Alegre: Dez/1996.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino de Educação Física na escola básica? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 119-135, jan./dez. 1999.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educação Física Escolar; Formação ou Pseudoformação? **Educar em Revista**, Curitiba: n. 16, p. 21-26. 2000. Editora da UFPR.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo: teoria e história. Perspectiva: **Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis: v. 22, p. 13-19, jul./dez. 2004. Número especial.

SILVEIRA, Bruno Victor Soledade; SOUZA, Moisés Martins. O trato com o conhecimento na Educação Física escolar: realidade e possibilidades. 2007. 54 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

VAZ, Alexandre. Da Matta Futebol como Drama e Mitologia. Campinas. Autores Associados, 2002.

VAZ, Alexandre. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro Ano 1, n. 1, Nov.2005/Fev.2006. Acesso em 29/10/2007 em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es102.html>